



MASCULINIDADE, SAÚDE MENTAL E SUICÍDIO: PERSPECTIVAS DE PROMOÇÃO E PREVENÇÃO

Lucas Campos de Andrade
Renan Bornancin
Hellen Lindner
Marcos Eduardo Rodrigues Marinho
Pedro Machado

Resumo

O suicídio representa um grave problema de saúde pública, impactando milhões de indivíduos no mundo todo. Pesquisas recentes indicam que a masculinidade tradicional pode desempenhar um papel relevante nas taxas de suicídio entre homens adolescentes e adultos. O presente estudo busca analisar a influência da masculinidade no suicídio de homens nessas faixas etárias, por meio de uma revisão da literatura e da análise de dados sobre suicídio. O objetivo é através de um aprofundamento teórico e quantitativo compreender esse fenômeno e, conseqüentemente, propor estratégias eficazes de prevenção e redução das taxas de suicídio, promovendo a saúde mental e o bem-estar do homem. Como resultado, se observa a correlação entre os papéis de gênero e as taxas de suicídio no Brasil, levando a necessidade de desenvolver estratégias de prevenção e promoção de saúde mental.

Palavras-chave: Masculinidade, suicídio, saúde mental, homens, prevenção.

Abstract

Suicide is a serious public health problem affecting millions of people worldwide. Recent research suggests that traditional masculinity may play a significant role in suicide rates among adolescent and adult men, and this reality is also evident in Curitiba and its metropolitan region. The present study seeks to analyze the influence of masculinity on suicide in men in these age groups in the region, through a literature review and analysis of suicide data. The objective is to, through a theoretical and quantitative deepening, understand this phenomenon and, consequently, propose effective strategies for preventing and reducing suicide rates, promoting mental health and male well-being. As a result, a correlation between gender roles and suicide rates in Brazil is observed, leading to the need to develop prevention and mental health promotion strategies.

Keywords: Masculinity, suicide, mental health, men, prevention

INTRODUÇÃO

O suicídio se configura como um desafio premente à saúde pública brasileira e a saúde global, ceifando a vida de inúmeras pessoas anualmente. Estudos recentes têm apontado para a masculinidade tradicional como um fator potencialmente influente nas elevadas taxas de suicídio entre homens

adolescentes e adultos. Embora diversos fatores contribuam para o suicídio, a pressão social e cultural exercida sobre os homens, que os impele a serem fortes, corajosos e independentes, pode estar agravando o problema. Um estudo do Ministério da Saúde sobre o suicídio no Brasil (2021) aponta que os homens correm um risco significativamente maior de morrer por suicídio em comparação com as mulheres, com uma probabilidade 3,8 vezes superior. Em 2019, a taxa de mortalidade masculina foi de 10,7 por 100 mil habitantes, enquanto a feminina foi de 2,9 a cada 100 mil. Os dados mostram que as taxas de suicídio vêm crescendo de forma constante na última década, especialmente entre os jovens e entre os homens, que apresentam o maior risco.

Entre as mulheres, fatores como menor consumo de álcool, redes de apoio mais eficazes, maior atenção à saúde e o uso de métodos menos letais podem contribuir para a menor letalidade. A diferença de risco entre os sexos é notável, com os homens enfrentando um risco maior de morte por suicídio em todo o mundo. Por outro lado, as mulheres tendem a apresentar mais casos de ideação e tentativas de suicídio. Essas diferenças são geralmente atribuídas à maior agressividade e à intenção mais acentuada de morrer entre os homens, que frequentemente utilizam métodos mais letais, têm maior acesso a armas de fogo e são mais vulneráveis aos efeitos de crises econômicas (BRASIL, 2021).

MATERIAL E MÉTODO

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, baseada em uma revisão bibliográfica abrangente da literatura existente sobre masculinidade e suicídio, com foco em homens adolescentes e adultos. Foram explorados artigos científicos, livros, relatórios e outras fontes relevantes, a fim de identificar os principais fatores que conectam a masculinidade ao comportamento suicida. A análise visou traçar um panorama da situação, identificando tendências, padrões e grupos de risco específicos.

REVISÃO DE LITERATURA

Para compreender os aspectos que levam ao suicídio masculino, o texto abordará as questões de gênero e sua construção ao longo dos anos, a

caracterização da masculinidade nas sociedades, e a correlação entre os temas e a taxa elevada de suicídios dos homens no Brasil.

CONSTRUÇÃO DE GÊNERO

Ao longo da história, a maneira com a qual entende-se e compreende-se o comportamento de homens e mulheres se transformou, variando de acordo com o seu próprio tempo histórico, social e cultural. Na era cristã medieval, a perspectiva que predomina sobre as mulheres era a de que elas eram pecadoras, fortes, perigosas e que deveriam ser temidas como um ser diabólico, pois com elas acontecem coisas inexplicáveis até então, como a menstruação e a gravidez, gerando nos homens, feitos à imagem e semelhança do criador, um temor de que elas fossem ligadas ao pecado, sendo ainda descendentes de Eva, um símbolo do pecado original segundo a igreja. Partindo de meados do século XIX, os evolucionistas consideram o fator sexual-biológico como principal influência, restringindo o entendimento ao órgão sexual, diferenciando assim homens, portadores do pênis, e mulheres que careciam deste. Estabelecendo assim uma perspectiva sexista do comportamento, atribuindo unicamente características animais de reprodução e sobrevivência da espécie. Um pouco mais a frente no tempo a teoria evolucionista, até então inquestionável, foi criticada por Freud, que abriu as portas para a compreensão de um comportamento influenciado por aspectos socioculturais, para além dos laços divinos e estritamente biológicos, através da subjetividade nas relações na infância, pela dinâmica das forças inconscientes, no campo da sexualidade infantil e do Complexo de Édipo. No entanto, a presença do pênis continuava sendo considerada fundamental para a concepção da teoria freudiana. O pênis, na teoria de Freud, é tratado como um aspecto causador de inveja na menina, que perceberia em si a falta de um órgão equivalente ao do menino. Inveja tal é considerada essencial para o desenvolvimento psicosssexual feminino de acordo com Freud (BOTTON, 2007; FREUD, 2010; FOLLADOR, 2009).

Apesar dos avanços, as teorias ainda deixavam de lado questões críticas no que diz respeito a como as mulheres eram tratadas de forma diferente dos homens. Por se tratar de perspectivas binárias e sexistas, as teorias sobre o

comportamento de homens e mulheres foram amplamente criticadas pelo movimento feminista, no século XX. Em 1949, Simone de Beauvoir enriqueceu o debate com o lançamento do livro "O segundo sexo", contestando a visão determinista biológica e religiosa, propondo uma visão hegeliana sobre ser e tornar-se mulher. Perspectiva que também contribuiu para os estudos mais profundos sobre gênero que a sucederam. Botton (2007, p.112), afirma que "levantou-se a compreensão de que os sexos não definem os comportamentos, mas sim os gêneros, que eram construídos e delimitados culturalmente e socialmente". Portanto o conceito de gênero se refere à maneira com que os sexos (masculino, feminino e intersexo) se comportam e se relacionam na sociedade. Trata-se de uma organização social dos sexos diante e através da cultura, história, economia e diversos outros aspectos dentro do campo social. Gênero é uma categoria social, permeada pela cultura e que está sempre em processo de construção e desconstrução. E é utilizado como uma forma de se referir às mulheres, principalmente nos estudos acadêmicos que almejavam criticar a perspectiva do determinismo biológico, que atesta as mulheres uma feminilidade passiva e submissa ao homem (BEAUVOIR, 1970; SCAVONE, 2008; SCOTT, 1989).

A partir do exposto, o comportamento do homem, enquanto gênero, logra ser entendido como uma construção social que se modula ao longo da história, em diferentes contextos culturais, econômicos, étnicos e raciais. As masculinidades são compreendidas a partir de comportamentos e características atreladas ao gênero masculino, tanto no sentido de reprodução como de expectativa. A título de exemplo, de forma ampla, pode-se afirmar que características de força, virilidade, violência, poder e a não demonstração de fragilidade, são próprias de um determinado tipo de masculinidade construída e reproduzida ao longo da história. Contudo, se faz necessário estudar além do conceito de gênero, em razão do sortimento de masculinidades que são influenciadas por fatores como classe social, cultura, etnia, territorialidade e muitas outras estruturas e instituições sociais (BOTTON, 2007).

MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

A masculinidade é construída culturalmente, existem várias masculinidades, mesmo dentro de sociedades individuais, portanto é uma construção heterogênea com múltiplas dimensões (PIRKIS et al., 2017; REQUENA et al., 2022). Uma das escalas mais citadas para medir a conformidade com as normas masculinas é o “Inventário de Normas Masculinas”, que validou 11 dimensões, sendo eles: vitória, controle emocional, correr riscos, violência, domínio, playboy, autoconfiança, primazia de trabalho, poder sobre as mulheres, desdém pelos homossexuais e busca de status (MAHALIK et al., 2003; REQUENA et al., 2022). Os autores pontuam que apenas certas dimensões da masculinidade são prejudiciais em termos de estarem ligadas ao comportamento suicida e/ou aos principais fatores de risco de suicídio. Essas dimensões nocivas da masculinidade, pelo menos nas sociedades ocidentais, são aquelas que definem a masculinidade estreita e tradicionalmente, enfatizando a força, o estoicismo e atribuindo a expressão das emoções à fraqueza. Uma meta-análise realizada em 2017 relatou a conformidade com as normas masculinas tradicionais, como autoconfiança, poder sobre as mulheres e playboy, com forte associação a problemas de saúde mental, um importante fator de risco para suicídio (WONG et al., 2017; REQUENA et al., 2022). Os autores afirmam que existem importantes impactos a saúde mental com a adesão à normas masculinas tradicionais como: depressão, sofrimento, estresse psicológico, uso de substâncias, problemas de imagem corporal, funcionamento social negativo e atitudes menos favoráveis em relação à busca de ajuda psicológica (WONG et al., 2017; REQUENA et al., 2022).

Dentre as diversas formas de ser e tornar-se homem, houve mudanças consideráveis ao longo da história. todos demonstram que a internalização dessas normas de gênero pode levar a um impacto negativo na saúde mental dos homens, contribuindo para o desenvolvimento de depressão, ansiedade e abuso de substâncias (REQUENA et al., 2022). A dificuldade em expressar emoções e buscar ajuda, aliada à pressão por sucesso e independência, pode gerar um sentimento de isolamento e desesperança, aumentando o risco de suicídio.

SUICÍDIO

De acordo com a OMS (BRASIL, 2022), o suicídio é uma das principais causas de morte no mundo, representando 1 a cada 100 mortes registradas. Destarte, para compreender este fenômeno faz-se necessário estabelecer quais são os parâmetros que o constituem. Durkheim (2003) considera que dentre os mais variados tipos de morte, o suicídio é comumente associado àquele que é tomado pela própria pessoa, como um ato contra si mesmo que culmina na morte. Este ato, em geral, é considerado como ativo, uma ação violenta contra si, que faz uso de força muscular. Entretanto, a ação passiva, de abnegação ou abstenção, também deve ser considerada como parte constitutiva do suicídio, como no caso de indivíduos que deixam de ingerir suas proteínas, água e os recursos básicos para sua existência. Sendo assim, o suicídio em uma primeira formulação pode ser considerado "toda morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima" (DURKHEIM, p.3, 2003).

Adiante pode-se considerar ainda outros fatores envolvidos no fenômeno. O que de fato faz com que uma ação positiva ou negativa contra si mesmo se torne de fato suicídio? Durkheim (2003), destaca a importância da intenção, e do conhecimento das consequências como algo fundamental para distinguir ações acidentais que culminam na morte do indivíduo de um fenômeno suicida. Nesse sentido, o conhecimento do indivíduo sobre o resultado de sua ação, no momento do ato, seja qual for o seu motivo, constitui particularmente o suicídio. A diferenciação destas características contribui para que não haja uma confusão com outros fenômenos de características semelhantes, o que favorece o trabalho de pesquisa e intervenção que almeja ser realizado com este projeto. Em conclusão, suicídio é "todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima, em que ela sabia que produziria este resultado" (DURKHEIM, p. 14, 2003).

De acordo com o Ministério da Saúde (2024), em 2021, 70% das tentativas de suicídio no Brasil foram realizadas por mulheres, no entanto, paradoxalmente, mais de 75% dos suicídios consumados no mesmo ano

envolveram homens. Esse contraste se explica, em grande parte, pela escolha de métodos mais letais por parte dos homens, como armas de fogo, enforcamento e intoxicação por substâncias químicas. Por outro lado, as mulheres tendem a recorrer a medicamentos e objetos cortantes, o que resulta em uma menor taxa de concretização dos suicídios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do que é ser homem na sociedade diz que para tal é necessário força, virilidade e agressividade, demonstrar fraquezas e sentimentos não é aceitável. Isso reflete significativamente na saúde mental e emocional dos homens. Muitos por estigma e preconceitos não buscam ajuda necessária, sofrem calados e não compartilham com seus entes o que os aflige. Muitos utilizam meios como a violência ou as drogas e o álcool para externalizar seus sofrimentos.

Compreender a influência da masculinidade no suicídio de homens adolescentes e adultos é crucial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e intervenção. A desconstrução de estereótipos de gênero, a promoção da saúde mental e o incentivo à busca por ajuda são fundamentais para a construção de uma sociedade mais saudável e acolhedora.

Os objetivos da pesquisa foram atingidos, no entanto os aspectos biológicos, psicológicos e sociais que compõem a masculinidade são diversos, portanto considera-se que o tema não foi esgotado. Ao invés disso, considera-se que a pesquisa pode oferecer contribuições para o estudo da masculinidade e da saúde mental do homem, ampliando perspectivas e colaborando para novos estudos no futuro.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. v. 1. 310 p.

BOTTON, Flávio Benedetti. **As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica**. Revista Vernáculo, Curitiba-PR, n. 19 e 20, p. 109-105, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/download/20548/13731>. Acesso em: 24 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Anualmente, mais de 700 mil pessoas cometem suicídio, segundo OMS**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoas-cometem-suicidio-segundo-oms>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico. Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021**. Vol. 4. Fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico Especial - Volume 33**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf. Acesso em: 20 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde do homem: prevenção é fundamental para uma vida saudável**. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/saude-do-homem/prevencao-e-fundamental-para-uma-vida-saudavel-2/>. Acesso em: 24 mar. 2023.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

FOLLADOR, K. J. **A mulher na visão do patriarcado brasileiro: Uma herança ocidental**. Revista fato & versões, v. 2, n. 1, p. 3-16, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/download/31446858/REVISTA_FATOS_E_VERSOES_-_MULHER_NO_PATRIARCADO_BRASILEIRO.pdf. Acesso em: 07 mai. 2024.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MAHALIK, J. R. et al. **Development of the conformity to masculine norms inventory**. Psychology of men & masculinity, v. 4, n. 1, p. 3, 2003. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F1524-9220.4.1.3>. Acesso em: 07 mai. 2024.

PIRKIS, J.; SPITTAL, M. J.; KEOGH, L.; MOUSAFERIADIS, T.; CURRIER, D. **Masculinity and suicidal thinking**. Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, v. 52, n. 3, p. 319-327, mar. 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28025691/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

REQUENA, S. et al. **The Origins and Evolution of the Field of Masculinity and Suicide: A Bibliometric and Content Analysis of the Research Field**. Archives of Suicide Research, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13811118.2022.2151956>. Acesso em: 30 abr. 2023.

SCAVONE, Laura. **Estudos de gênero: uma sociologia feminista?**. Revista Estudos Feministas, v. 16, n. 1, p. 173-186, 2008.

WONG, Y. J.; HO, M. R.; WANG, S. Y.; MILLER, I. S. **Meta-analyses of the relationship between conformity to masculine norms and mental health-related outcomes**. Journal of Counseling Psychology, v. 64, n. 1, p. 80-93, jan. 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27869454/>. Acesso em: 30 abr. 2023.